

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

...so a demarcação
e, à biografia hist
erecer uma reflex
E, no entanto, da
a eleição como ba

Biografia e História II

1. “**Dirigentes da Nação**”. Género plástico por inerência, moldável por concepções historiográficas diversas tanto quanto pelos ideários que lhes pudessem subjazer, na biografia espelharam-se bem as hesitações e ambiguidades que atravessaram a escrita da história durante os primeiros decénios da centúria, dos ensaios autoritários da primeira fase à consolidação do regime estado-novista. Não se alterara muito o panorama anterior. Em clima de forte instabilidade, ainda que com roupagens diversas, encontrava-se no retrato de vida o veículo ideal para a publicitação de novas e velhas ideologias. Geralmente sob formato reduzido, as biografias continuaram a multiplicar-se ao ritmo da agitação política. Poucos anos antes da instauração do novo regime, José de Agostinho, divulgador por excelência do Republicanismo, editava na Biblioteca Democrática a sua “Galeria republicana”. No ano zero da República, era a vez de o jornalista e bibliófilo Rodrigo Veloso, condiscípulo de Antero, dar início a várias séries (em edição própria) determinadas pelas categorias em que colocava as personagens eminentes do seu tempo: juristas, beneméritos, bibliófilos, parlamentares, jornalistas. Pouco anos passaram até que, em clima de *regeneração* nacional e fazendo jus à tradição democrática de elevação das massas, se editassem outras colecções dedicadas aos homens de letras e de pensamento da nação, como “Os nossos escritores”, de novo por J. Agostinho, ou “Patrícia”, da Diário de Notícias, onde o jornalista e bibliófilo Forjaz de Sampaio faria sair numerosas e curtas biografias sobre personagens maioritariamente contemporâneas. O perfil dominante do autor deste tipo de obras tornava-se, no entanto, e ao contrário da relativa indefinição que até aí se verificara, mais distintamente o do publicista e amador e menos o do erudito. A esse teremos de o procurar, porque assim o foi determinando a progressiva delimitação do labor historiográfico e do estatuto do historiador, entre aqueles que encontraram no passado mais remoto a sua matéria de eleição.

Prenúncio desse divórcio – porque de alguma forma o foi durante boa parte do regime estado-novista – é precisamente, numa primeira fase, o interesse tendencialmente exclusivo que universitários e outros eruditos dedicaram a figuras do passado, reclamando-se, enquanto historiadores, como os únicos habilitados a validar as suas versões da história nacional (e, por consequência, a julgar os seus protagonistas). Que aos historiadores académicos tenha cabido, por estes anos, uma boa parte da



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

contribuição para o esforço de coesão nacional, através da rememoração e da reabilitação de temas e nomes passados, será apenas o decurso lógico dessa definição do seu estatuto de intérprete autorizado. Assim o percebeu, por exemplo, a experimentada editora Ferin, ao entregar a coleção “Grandes vultos portugueses” a António Baião, um dos futuros fundadores da conservadora Academia Portuguesa da História, o qual se fez acompanhar (também como autor que foi de uma biografia sobre Afonso de Albuquerque) por Brito Rebelo, Manuel Sousa Pinto, Laranjo Coelho, Francisco da Costa Cabral e Damião Peres, outro dos fundadores da APH, mais tarde agraciado com uma condecoração pública em pleno Estado Novo e cuja biografia aqui publicada sobre D. João I veio a assinalar o início da sua carreira. Virada para um público alargado e, por isso, necessariamente simplificada, da série reclamava-se contudo o respeito pelo espírito crítico da tradição (erudita) em que as obras e os seus autores se situavam. Essa declaração de intenções – embora, na prática, nem sempre respeitada – era, no entanto, fundamental. Nela assentava a consciência da linha fina que, no género biográfico, dividia a ficção da realidade, a mera curiosidade do trabalho de investigação. Mas, acima de tudo, ela ecoava o que de mais específico a disciplina histórica encerrava – o seu método –, como elemento distintivo e validador das leituras apresentadas. O receio, muitas vezes explicitado, de artificios literários como aqueles utilizados por O. Martins nas suas obras maiores, continha, porém, tanto de prurido metódico quanto de crítica a interpretações da história nacional menos alinhadas com o espírito celebrativo e regenerador das glórias passadas. (Álvaro Dória, *A rainha D. Maria Francisca de Sabóia*, 1944, pref. [p.14]; Carlos Maurício, *A invenção de Oliveira Martins*, 2005, pp.64-77)

Este receio não era novo: nas repetidas chamadas de atenção dos autores para o carácter não romanceado das suas obras percebia-se, desde há décadas, ora um recurso retórico que sustentaria a credibilidade de versões politicamente implicadas, ora o sinal de uma evidente preocupação na aplicação das regras mais estritas da crítica histórica, mesmo quando condicionada por questões candentes da política nacional. Sobre esta posição ‘aliterária’, ou mesmo ‘anti-literária’, assentava a pretendida neutralidade a que, entre outros, apontava João Lúcio de Azevedo na sua presumida desmistificação dos vários discursos em torno da polémica figura de Pombal. Respaldava-o toda uma tradição crítica, largamente alimentada pela pesquisa biográfica, em que se inseriam quer os textos pesadamente eruditos de revistas especializadas (como o *Arquivo Histórico Português*, a *Revista de História* ou *O Instituto*) e seus prolixos autores (entre outros, Pedro de Azevedo, Anselmo Braamcamp Freire, Sousa Viterbo e Brito Rebelo), quer as obras de maior alcance, que desde logo encontramos com abundância nas histórias literária e da arte ou em historiadores como Carolina Michaëlis de Vasconcelos, António de Vasconcelos ou o já citado João Lúcio de Azevedo. (L. de Azevedo, *O Marquez de Pombal e a sua época*, 1909, pp.7-8)

As possibilidades encerradas neste trabalho de revisão, a despeito do progressivo fechamento da comunidade historiográfica sobre si mesma, eram demasiado óbvias para que a elas se não fosse buscar



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

armas para o debate político. Não por acaso, veio a obra de Lúcio de Azevedo sobre o Marquês de Pombal a ser reeditada pela Seara Nova/Renascença Portuguesa, em 1922, passada uma década sobre a sua aparição. No Integralismo Lusitano como na Renascença Portuguesa, e nas correntes suas subsidiárias, o ideal de *regeneração* do corpo nacional passou, em grande parte, pela consideração do valor exemplar dos heróis do passado, os “dirigentes” dos destinos da nação a quem tão facilmente assentava, como conviria a Jaime Cortesão numa primeira fase, “o conceito épico e hipertrófico” de Carlyle. Na corrente monarquista, em especial, o discurso de reabilitação dos “governantes supremos” do país alimentará uma parte substancial da sua produção historiográfica, embora as suas obras de maior expressão no campo biográfico, confortavelmente encaixadas no ideário vigente, surjam já avançados os anos '30 do século. Ao contrário, porém, da tradição republicana de ilustração geral, a revisão da história a ser montada sobre a posição monarquista estribou-se menos no princípio da divulgação e elevação do seu público que na fundamentação histórica das pretensões ao restabelecimento do antigo regime. Isso passava, em termos mais imediatos, pelo retrato legitimador dos últimos campeões do Absolutismo (acima de todos, D. Miguel) e, de forma estrutural ou metódica, pela crítica às teses (ditas) decadentistas de fim-de-século e à história-arte em que elas, sobretudo no retrato das grandes figuras, assentariam. Pelos fins políticos que esta releitura da história nacional e dos seus governantes também comportava, nem sempre – como em João Ameal, o mais prolixo destes autores – a posição metódica que a respaldava se traduziu na rejeição liminar dos recursos literários, especialmente destinados ao consumo do grande público, de que na biografia se tinha vindo a fazer uso. Mas as obras produzidas neste contexto encontravam noutro tipo de leitor, mais culto, o seu interlocutor preferencial – e na Casa Real, ou nos dirigentes máximos da nação, as suas personagens de eleição: em 1934, Caetano Beirão publicava a biografia (que dizia de “revisão histórica”) de D^a Maria I, obra contemplada com o Prémio Alexandre Herculano do SPN; dois anos volvidos, saía a lume *D. João III*, de Alfredo Pimenta, primeiro e único volume de uma série sugestivamente intitulada “Biblioteca de revisão histórica”, da Livraria Tavares Martins, destinada a “reabilitar as figuras dos governantes supremos [da Nação]”. Seguir-se-lhes-iam, já na década de '40, Eduardo Brazão com um estudo sobre a figura e o reinado de D. João V, na colecção “Histórica”, coordenada por Damião Peres; o musicólogo e historiador da música Mário de Sampaio Ribeiro, com uma obra sobre a rainha D^a Leonor; Hipólito Raposo, com a biografia de D^a Luísa de Gusmão; ou João Ameal, que, entre outros, agora na colecção “Rainhas e Princesas de Portugal”, por si dirigida e de novo editada pela Tavares Martins, fazia sair *Dona Leonor: “Princesa Perfeitíssima”*. Ainda que menos preocupada em atingir um público muito vasto, de acordo com uma ideologia anti-massificadora, a edição destas obras conheceu relativo e mutável sucesso – a biografia de Caetano Beirão, por exemplo, ao contrário da abortada colecção de “Revisão histórica”, mereceu quatro edições no espaço de dez anos. (J. Cortesão, “A história e o historiador”, [1959(?)], p.5; João Ameal, *Dona Leonor*, 1943, pp.v-xv; Alfredo Pimenta, *D. João III*, 1936, “Pródromo” [s.p.]



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Não foi, porém, neste modelo, demasiado erudito para o leitor médio português, que se sustentou a esmagadora maioria da produção biográfica, mesmo nos anos iniciais do regime estado-novista. Entrado já o segundo quartel do século, pertenceu aos vulgarizadores e publicistas propriamente ditos, regra geral amadores, a dianteira no resgate do passado. Nesses, antes de mais, veio a encontrar o próprio aparelho estatal, na sua versão mais autoritária, alguns dos mais eficazes propagadores da sua mensagem, sobretudo em suporte biográfico. Desde logo, na literatura infanto-juvenil, assumidamente formativa e elemento não despreciando na veiculação do ideário estado-novista, esse patrocínio revelou-se particularmente significativo. Foi o caso, para exemplo de vasto sucesso, dos livrinhos saídos, entre finais dos anos '30 e termo dos '40, nas colecções “Pátria” e “Grandes portugueses” (a que se seguiria, com menor expressão, “Grandes portuguesas”), ambas sob a égide do SPN/SNI. Inaugurara-as Virgínia de Castro e Almeida, aliás colaboradora oficial do governo português. Note-se, para além dessa literatura direccionada para um público mais específico, a longevidade de outras séries patrocinadas por órgãos do Estado, maioritariamente dominadas pelo tema da expansão ultramarina e da exploração mais recente do continente africano. Herança reformulada da crise de fim de século que atingiu o domínio colonial português – quando a produção historiográfica sobre o período da Expansão, em particular a biográfica, se multiplicou –, foi, de facto, na imagética do Império que veio a assentar uma parte muito significativa da produção no domínio da biografia nas décadas centrais do século e, pela mesma ordem de ideias, uma parte importante do investimento feito pelo Estado na popularização de teor histórico: caso eloquente, na literatura expressamente divulgadora, da colecção “Pelo Império” (publicada pela Agência Geral das Colónias, entre 1935 e o início dos anos '60), depois de algum modo continuada (e com alguns volumes reeditados), até 1974, em “Figuras e feitos de além-mar”, já sob a égide da transmutada Agência Geral do Ultramar. Nela – como nos concorrentes “Cadernos coloniais”, da Cosmos – só raramente se encontra a participação mais qualificada de académicos, em favor de uma proporção claramente maioritária de autores directa ou indirectamente ligados às forças armadas ou à administração ultramarina, mas nomes como Eduardo de Noronha, Gastão de Sousa Dias ou Marcelo Caetano, por exemplo, contribuíram para emprestar a aura de qualidade de que estas colecções, no seu género e com largo eco popular, gozaram. (Arlindo M. Caldeira, *op. cit.*, pp.130-31; L. Reis Torgal, “Livros de história e de histórias no Estado Novo”, 1992)

Estavam assimilados, dir-se-ia, o modelo e o princípio das *Vidas* de Plutarco, materializados nos retratos daqueles que haviam dirigido, nos seus vários campos, os destinos da nação. Fiéis ao modelo secular dos *exempla*, sob patrocínio directo do Estado ou apenas à sua sombra, autores e editoras pareceram apostar nestas colecções de percursos individuais, que, de algum modo, e com intuito didáctico, apresentavam uma leitura de conjunto da história do país. Conquanto variáveis o formato e o nível de rigor histórico manifesto nestas edições, a concepção de história – e a ideologia que lhe subjazia – era, na essência, a mesma. Costa Brochado (este sócio do número da refundada APH e membro da Assembleia Nacional)



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

exemplificava e sintetizava bem o programa inscrito na generalidade desses trabalhos – em que o seu se incluía –, ao afirmar que o que lhe interessava não era “a vida dum homem, mas a da própria nacionalidade portuguesa [...]”. Autor de obras dedicadas ao expansionismo e missão nacional, que queria constituíssem um conjunto orgânico de reconstituição dessa “grande gesta”, C. Brochado viu a sua biografia sobre o Infante D. Henrique ser galardoada com o Prémio Alexandre Herculano do SPN em 1942 e, no ano seguinte, a de Afonso de Albuquerque, com o Prémio de História no concurso de Literatura Colonial. Reunindo autores ou entregando a um só a redacção, sob a forma mais extensa da colecção ou em volumes únicos, estas sínteses da história *pátria*, encarnada pelos seus grandes nomes – os “governantes supremos” ou os “dirigentes” em sentido mais lato –, multiplicaram-se exponencialmente durante toda a vigência do regime ditatorial. (Costa Brochado, *Afonso de Albuquerque*, 1943, prefácio)

Bebiam, obviamente, da mesma ideologia os seus autores preferenciais. No trilho da literatura de divulgação liberal e republicana, publicaram-se colecções compostas por pequenos volumes de fácil acesso, como aquela, extensíssima, criada pelo jornalista e sócio da Academia das Ciências de Lisboa, Rocha Martins, a abrir a década de '30, ainda na fase em que activamente apoiava soluções autoritárias de governo; nela, e sob o título genérico de “História”, fez sair curtas biografias, agrupadas em séries dedicadas às “Legendas”, “Grandes amores”, e “Heróis, santos e mártires da Pátria”. Uns anos mais tarde, saía a ainda mais celebrada colecção sobre as “Figuras nacionais”, da autoria exclusiva de Mário Gonçalves Viana, outro colaborador estreito do aparelho governativo; concretização prática do modelo ideal, convencional, de biografia, que associava a um determinado tipo de sociedade e de regime simbolizado nos seus “chefes”, valeu-lhe edições esgotadas e volume à parte com recolha de críticas entusiásticas. (Vitor de Sá, “Releitura de *O Arquivo Nacional*”, 1989, pp.107-8; M.G. Viana, “Ensaio preambular”, 1944, pp.14-20; *As Figuras Nacionais...*, 1938)

Este claro predomínio, no terreno da vulgarização, das biografias de recorte tradicional, pesado conteúdo moralizante e inequívoco conservadorismo político, parecia configurar uma espécie de relação simbiótica entre os agentes deste tipo de literatura e aqueles que representavam o regime político vigente. A leitura que, em Portugal, se fez de obras como as de Emerson e Carlyle (a primeira traduzida ainda na Primeira República, mas a segunda, por problemas de edição, já em meados da centúria) reflectia, em boa medida, a fácil adequação das teorias sobre os *grandes homens* a um modelo autocrático assente na função e no carisma do *líder*, domínio em que a história nacional – desde os tempos mais remotos até o presente – estaria recheada de exemplos. M. Gonçalves Viana chamou-lhes-ia, para assim abarcar todas as áreas em que o génio português se manifestaria, os “dirigentes visíveis ou invisíveis” da nação. (M.G. Viana, *op. cit.*, p.16, e *Nuno Álvares Pereira: arquétipo perene*, 1966)

Adaptava-se contudo bem a noção de *grande homem*, já foi dito para um período anterior, a discursos que se situavam muito para lá, ou mesmo na posição diametralmente oposta, do ideário oficial espelhado



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

na maioria da produção biográfica. Em clima de *regeneração*, ideal que atravessou, transversal aos vários programas políticos, toda a primeira metade da centúria de Novecentos, a biografia foi instrumento de pedagogia activa e, de alguma forma, no seu uso plural, lugar de dissonância nesses anos de imposta unanimidade. Dissonância, desde logo, em relação ao modelo estritamente convencional do registo de vida que dominou ao longo de todo o período estado-novista. Entre finais dos anos '30 e a década seguinte, por exemplo, Agostinho da Silva inaugurava nos “Cadernos da Seara Nova” (e prosseguia, por sua iniciativa, nos “Cadernos de iniciação cultural”) uma série, que se provaria longa, de biografias sobre vultos eminentes da história mundial. De intuito explicitamente pedagógico, nela se rompiam os limites estreitos da portugalidade, bem como os dos feitos de armas e da governação, à semelhança do que várias décadas antes já se havia proposto como critério para reforma dos *curricula* escolares. Através de biografias de cunho educativo, “não romanceadas”, forneceriam estes heróis dos novos tempos, herdeiros da democratização operada na centúria anterior, matéria para uma ansiada “revolução cultural e política”. (H. Briosos e Mota, “...ou como, através do relato de vida de grandes homens...”, 2003, pp. 7-14)

Mas mesmo no terreno mais convencional das figuras insígnias da conquista e da governação, esse ambiente de *regeneração*, traduzido na “revisão” da história que se pretendia algumas obras levassem a cabo, fazia-se sentir em produtos menos alinhados com o discurso dominante. Num dos poucos textos de reflexão dedicados neste período ao género biográfico, mesmo que em registo de introdução a uma obra, o jornalista, escritor e anarquista Mário Domingues chamava mesmo à escrita biográfica em torno das grandes personagens “a mais alta aspiração do leitor de hoje”, capaz de elevar a sua consciência enquanto, ele próprio, agente da história e, em consequência, a sua condição. Discurso igualitarista de ressonância republicana, matizado por uma evidente admiração por O. Martins e pelo reenvio sistemático aos grandes nomes do passado nacional, o texto de M. Domingues revelava tanto do senso comum historiográfico (como cabia a uma obra patrocinada pela FNAT) quanto da consciente e plural utilização do género enquanto arma de intervenção na sociedade. Ele próprio autor prolixo de biografias históricas de divulgação – sobretudo na popularíssima “Série Lusíada”, que a Romano Torres faria sair entre o início dos anos '50 e o início dos '70 –, serviram-lhe as figuras retratadas, maioritariamente régias, não tanto para sublinhar o seu poder de acção, mas antes, ao sujeitá-lo a condições não-contingentes, para fazer da sua exemplaridade incentivo à participação activa do leitor na marcha social. Sua obra exclusiva, o impressionante volume de biografias editado pela Romano Torres nessa colecção ter-lhe-á em grande medida valido, não sem ironia e a despeito de mensagens mais ou menos subliminares, uma condecoração oficial em pleno Estado Novo – tal como, de resto, a recebeu Elaine Sanceau, outra biógrafa de sucesso no campo da expansão, de sentido inequivocamente conservador. Que posições concorrentes se plasmassem em obras de cariz biográfico é tanto mais significativo. Aí, mais que noutros lugares, sobre o pano de fundo da literatura exemplar, se



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

debatia na prática o papel e o lugar do indivíduo (e do colectivo) na história. (M. Domingues, *Grandes momentos da história de Portugal*, 1958: 9-19)

Das potencialidades da biografia histórica como arma de intervenção de largo alcance se alimentou a crescente edição desse tipo de obras nas décadas centrais do século. É sugestivo que, à expressa e gradual substituição dos actores deste tipo de literatura, com um decréscimo do protagonismo das figuras régias e militares em proveito daquelas ligadas às artes e à cultura em geral – excepção óbvia feita, antes de mais, à vulgarização patrocinada pelo Estado –, não tenha sucedido evidente abrandamento no ritmo de publicação, à parte, é evidente, o que se fez sentir no volume das edições em geral nos anos imediatamente em torno de '74. Colecções especificamente biográficas, tendencialmente debruçadas sobre percursos de intelectuais, foram dadas à prensa pela Seara Nova (“Biografias”), Cosmos (“Biografias”), Sá da Costa (“Os portugueses no mundo”), Bertrand (“Vidas portuguesas e brasileiras”), Presença (“Biografia de bolso”), Excelsior (“Grandes vultos da história da humanidade”), para além das muitas que frequentemente integraram obras do mesmo tipo (como a “História de Portugal”, da Empresa Nacional de Publicidade, ou a “Biblioteca breve”, já nos anos '70, pelo ICLP). A entrar a segunda metade da centúria, as editoras sentiam o pulso ao público consumidor de biografias, em especial daquelas propriamente históricas, e – a julgar pelos textos inaugurais de algumas dessas colecções – reconheciam-lhe um interesse crescente no género. Cada vez mais dominadas por figuras da cultura, porém, o seu conteúdo era já menos expressamente marcado pelo ideário dominante, ainda que quase sempre celebrativo. Assim convinha ao gosto popular e ao sentimento nacionalista que, com tanto sucesso, a historiografia, e em particular o género biográfico, ajudara a cimentar.

2. “Grandes e humildes”. Reconhecida a dimensão potencialmente formadora e mesmo propagandística do discurso sobre o passado – em que o género biográfico ocupava a linha da frente –, viu-se a comunidade de historiadores perante duas situações que, em vários sentidos, condicionavam quer a projecção pública quer a autonomia da disciplina: por um lado, o denso povoamento do seu campo específico de trabalho por autores oriundos de outras áreas socioprofissionais ou, tão-somente, amadores; e, por outro, um mercado editorial (também reflectido nos *curricula* escolares) dominado por leituras da história “pátria” de teor pesadamente ideológico. Não é que tenha ficado sem resposta esse claro predomínio dos curiosos de temas históricos ou autodidactas na publicitação, em especial, de leituras globais da história portuguesa. Mas o regresso paulatino do historiador à arena pública, passadas algumas décadas de tendencial isolamento, não foi, nem talvez pudesse ter sido, isento de pretensões ideologizantes.

A esse título, não foi estranho a este composto de erudição e divulgação o mesmo gosto pela exemplaridade de certas figuras. Ainda nos anos '40, por exemplo, Lopes de Oliveira fazia-se rodear de uma equipa de biógrafos experimentados, literatos mas também historiadores de pleno direito, mesmo que



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

não académicos – como Augusto Casimiro, Tomás da Fonseca ou o Visconde de Lagoa –, para publicar uma extensa obra dedicada a *As Grandes Figuras da Humanidade*, onde, segundo o gosto e a ideologia dominantes, sobressaíam aquelas nacionais. Outras no mesmo espírito se lhe seguiriam. Na colecção “História de Portugal” da Empresa Nacional de Publicidade, por exemplo, em que por meados do século se encontraram universitários, literatos e eruditos de vária ordem – como Vieira de Almeida, Carlos Selvagem, Luís Chaves ou Mário Domingues –, o programa era o da reconstituição das épocas nacionais de maior esplendor através do retrato de personagens emblemáticas. Pela mesma altura, mas aqui já em ambiente claramente académico, Hernâni Cidade – ele próprio autor fecundo de biografias literárias – viria a dirigir uma espécie de história nacional em dois substanciais volumes, sob o título inequívoco de *Os grandes portugueses*. Nela expressamente se colocava a erudição ao serviço da popularização, mesmo que junto de um público relativamente culto e com acesso a volumes mais cuidados. A autoria, distinta, justificava em termos editoriais o formato, já que entre os colaboradores da obra se podia encontrar uma parte importante do universo académico português ou das suas franjas: de Jaime Cortesão a António José Saraiva, Lindley Cintra, Borges de Macedo, Óscar Lopes e José Mattoso, passando, para o que aqui mais nos interessa, por biógrafos experimentados como Torquato da Sousa Soares, Fidelino de Figueiredo, Francisco da Gama Caeiro, Ester de Lemos ou Mário Martins.

Noutras áreas mais específicas que não a dos grandes quadros históricos, a entrada em cena no meio da divulgação por alguns desses académicos consistiu, no essencial, num exercício de partilha de interesses e investigação próprios, postos ao serviço da formação popular. O modelo preferencial, dado o predomínio de pensadores e artistas como objecto, era o da vida e obra. Nos campos da literatura e das artes em geral (e das plásticas em particular), essa estratégia de intervenção revelou-se profícua, por vezes à custa do velho formato da publicação em fascículos, destinado a alargar ao maior número o acesso a edições de outro modo incomportáveis. José-Augusto França talvez seja um dos exemplos mais acabados e persistentes desse tipo, tendo publicado pequenas biografias em várias colecções de arte dirigidas a um público extra-universitário. Já na área da história da literatura e do pensamento, embora em volumes mais extensos, por vezes contendo extractos de obras e dirigidos a leitores necessariamente cultivados, desde meados da centúria que a presença de académicos num mercado editorial para lá do circuito estrito da academia se tornou bem visível: assim, por exemplo, na Arcádia (na colecção “A obra e o homem”), onde, até final dos anos ’70, foram editados (e reeditados) trabalhos de Hernâni Cidade, Óscar Lopes e Oliveira Marques, ou ainda de Álvaro Dória e António Quadros; ou na Inquérito, a mesma que entre as décadas de ’30 e ’40 publicara vários volumes das *Vidas* de Plutarco, e com a qual viriam a colaborar, entre outros, Joel Serrão e J.-A. França.

No essencial, contudo, a resposta à invasão do campo próprio de investigação e actuação do historiador passou por um reforço da tradição erudita, menos permeável à contaminação de ideias e fundamentalmente



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

destinada a consumo interno. Delimitavam-se, assim, as fronteiras disciplinares da história. Entre académicos, a produção biográfica tendeu muitas vezes, por isso mesmo, a constituir acima de tudo instrumento de trabalho e marco de investigação, seja nos historiadores propriamente ditos (como, para citar biógrafos militantes, Banha de Andrade, Pina Martins, M. Lopes de Almeida ou Teixeira da Mota), seja nalguns daqueles que fizeram da biografia o esteio essencial da história da sua disciplina, da economia (como Moses Amzalak) à medicina (na esteira de Maximiano Lemos, os casos de A. da Rocha Brito, Jaime Walter ou, ainda, Luís de Pina). Aí se encontram os mais directos herdeiros de Sousa Viterbo ou Braamcamp Freire, mas também aqueles que, adoptando uma metodologia centrada na reconstituição de percursos individuais, fizeram da biografia quer exercício de dissecação de vidas singulares, quer via de acesso a épocas, entidades e processos históricos mais latos. Mesmo aqui, porém, no domínio mais próprio da produção académica, não foi absoluta a imunidade ao ideário vigente, fosse por escolha individual, fosse por condicionamento institucional. Desde logo na selecção de temas e protagonistas se reflectia frequentemente essa concepção dominante de uma história sustentada nas suas épocas de ouro e nos homens que as teriam forjado. Quando o Visconde de Lagoa, partilhando com outros pela mesma altura idêntico ensejo de construção de um arquivo biográfico nacional, traçou o seu plano de resgate dos “grandes e humildes” da expansão portuguesa, fê-lo em nome não tanto desses homens quanto da obra que teriam erguido. Do mesmo modo, foi com o intuito de enriquecimento documental dos “inauferíveis direitos” do país, tal como se plasmou nos seus estatutos, que a investigação no âmbito da refundada Academia Portuguesa de História, muita de tipo biográfico, se lançou. Ela constituiu, de facto, repositório fecundo daquela matéria de que foi feita a versão mais erudita do discurso do poder sobre o passado, tal como ele se havia materializado nas mais distintas figuras da história nacional: do elitismo genealogista do Marquês de São Paio e do conservadorismo monárquico do Conde de Tovar ou de Montalvão Machado, ao eclesiasticismo de António Brásio e D. José de Castro.

Como no terreno da divulgação, também no circuito mais restrito da actividade historiográfica – em que, com propriedade, se incluem academias e institutos –, uma observação mais próxima do objecto não nos revela um decréscimo na produção de biografias que reflectisse, pelo menos quantitativamente, a alteração de qualquer doxa académica. Nem sequer os anos em torno da Revolução de Abril, e muito menos os seus prolegómenos, diminuíram a relevância que a escrita biográfica sempre deteve no conjunto da obra desses autores. Note-se, desde logo, a inabalável constância que a APH revelou na produção de retratos ou apontamentos biográficos (os *Anais*, em particular, continuaram a fornecer abundante material biográfico muito para além de '74), ou mesmo a daqueles que, por vocação, se dedicaram à história religiosa, como Avelino de Jesus da Costa, António Domingues de Sousa Costa, Leite de Faria, António Brásio ou, activos desde a primeira metade do século, Serafim Leite e Domingos Maurício. Na universidade, mais especificamente, o género conheceu mesmo alguma pujança, como desde logo se torna manifesto na



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

escolha de temas de dissertação; e se alguns destes trabalhos se ocupavam, em grande medida, do estudo de obra, outros houve mais próximos da concepção tradicional de biografia: casos das teses de doutoramento de António Gonçalves Rodrigues sobre o Cavaleiro de Oliveira (1950), Veríssimo Serrão sobre a Infanta D^a Maria (1953), Borges Nunes sobre D. Frei Gomes (1963), Luís de Oliveira Ramos sobre o Cardeal Saraiva (1972) ou Sales Loureiro sobre Miguel de Moura (1974), e das dissertações de licenciatura, entre outros, de M^a do Rosário Themudo Barata sobre o diplomata Rui Fernandes de Almada (1971) ou mesmo de Fortunato Queirós em torno do ideário pedagógico de D. Pedro V (1970), a qual veio a estar na base da volumosa obra que dedicou à figura do rei, começada a publicar no ano mesmo da Revolução.

Ainda que obviamente não impermeável à grande vaga analítica, não parece ter sido assim tão *francês* o destino da biografia em Portugal. É verdade que algum eco teve no meio académico o debate em torno da escrita biográfica, parte de outro mais largo sobre questões de método e epistemológicas levantadas, antes de mais, pelo movimento francês dos *Annales*. Mas é difícil reconhecer nessa discussão em Portugal – à parte a adopção exclusivista por alguns de modelos teóricos de base anti-individualista – uma radicalização de termos que renunciava a quase total marginalização do género de que hoje, mais que nesses anos, tanto se fala. Na obra que dedicou à situação económica no tempo do Marquês de Pombal, por exemplo, J. Borges de Macedo postulava como princípio que nenhum trajecto pessoal poderia servir de matriz a, ou substituir, uma “explicação global”. Mas o Autor, mais que renunciar ao género por inteiro (viria mesmo a participar em *Os grandes portugueses*, de H. Cidade, poucos anos depois), apontava a um modelo em especial de biografia, a um modelo ideal, como Herculano fizera muitas décadas antes – a do *grande homem*, em que toda a história de um período ou de um “povo” se sintetiza. A asserção de Macedo, aliás, ecoava uma preocupação que, em meados do século XIX, afectara uma parte dos autores que se haviam dedicado ao retrato histórico ou, mais em particular, pensado sobre a relação entre indivíduo e contexto. Não sendo por isso nova, e confrontada que fora com um domínio de décadas, sobretudo prático, das teses voluntaristas mais extremadas – aquelas que, em ambiente autoritário, opunham a vontade individual à irracionalidade das massas –, esta questão ganha no entanto, em meados da centúria, novo vigor. No interior da academia, sim, mas já não limitado pelo espartilho da prática puramente metódica, recomeçava-se a pensar o lugar da biografia na interpretação histórica. (J.B. Macedo, 1951, pp.27-31; A. Herculano, “Cartas sobre a História de Portugal. Carta IV”, [1842])

Que neste contexto acabemos por identificar, entre alguns dos praticantes do género, académicos de formação marxista não constitui fenómeno singular. Por um lado, o exercício biográfico abria as portas a uma discussão sobre os lugares relativos do individual e do colectivo que servia ao debate ideológico de fundo, de resto na linha das teses positivistas. Por adoptar aquilo a que chamou o “método sociólogo”, Vítor de Sá, por exemplo, podia “contrapor” ao “Antero-Antero”, estudado a partir de si mesmo, ao “Antero-produto-dum-meio”, ponto contingente de intersecção dos grandes processos sociais. A preferência clara



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

destes autores por pensadores e literatos adaptava-se bem à precedência de princípio que se atribuía às condições exteriores sobre a acção individual, o modelo do estudo da vida e obra, por ironia típico da concepção radicalmente elitista da história literária e da arte, constituindo a sua via de acesso à observação das condições sociais ou dos grandes processos históricos. Esses percursos individuais não deixavam, em qualquer caso, de ser reconhecidamente relevantes – como em António José Saraiva (em particular, nos vários textos que foi redigindo sobre Fernão Lopes), Óscar Lopes (que, para além do obras maiores, também participou na já citada edição de *Os grandes portugueses*) ou Fernando Lopes Graça, todos com parte da sua investigação dedicada à vida e obra de figuras eminentes da cultura portuguesa. (V. Sá, *Antero de Quental*, 1963,p.22)

Reflectia-se bem, por outro lado, nesta selecção de objecto a adaptação do registo de vida quer ao ideário quer às metodologias de base marxista. Não foi, de todo, estranha a alguns daqueles de matriz esquerdista uma concepção vanguardista da história, em que determinadas personagens, pelas suas qualidades particulares, eram vistas como “líderes” ou “intérpretes” (na política como nas letras) de movimentos ditos de fundo – mas também, como na versão mais convencional da biografia, como “lições” ou exemplos “práticos” para as gerações vindouras. Esse envolvimento cívico no acto de biografar, mesmo que sobretudo dirigido aos seus pares e ao público universitário em geral, terá em grande medida sustentado a significativa produção biográfica de autores como Vítor de Sá: desde a dissertação de licenciatura, dedicada a Amorim Viana, passando pelos trabalhos de fundo sobre Antero de Quental, até, já no período pós-revolucionário, às obras em torno de figuras do Liberalismo oitocentista. Não anulava esta universalmente partilhada predilecção pelas grandes personagens a leitura holista que era cunho destes trabalhos. Assim com António Borges Coelho, em especial na caracterização que ao longo dos anos fez do processo expansionista. A primeira incursão no género biográfico, em meados de '60, ainda nos primórdios da sua carreira, fizera-a com o retrato de Alexandre Herculano, publicado na colecção “Biografia de bolso”, da Presença; só nos anos '90 se tornaria a debruçar longamente sobre uma personalidade de sua eleição, João de Barros, ou, dobrado o século, D. João de Castro (sugestivamente, na série “Biografias”, da insuspeita Caminho). Não houve, porém, neste aparente intervalo, como nesta aparente abertura a personagens convencionais, qualquer novidade. Uma observação mais atenta do trabalho do Autor revela interesse por grandes e pequenos, por aqueles que apodreceram esquecidos nos cárceres da Inquisição como por aqueles que guiaram o movimento da Expansão, todos – como sempre disse – “gente de carne e osso”, cujos nomes, perfis e acções povoam a sua obra. (v. José Neves, “Marxismo”, neste Dicionário; V. Sá, *A mocidade de Antero*, 1942, pp. 11-12, e *Antero de Quental*, 1963: 9-24)

Ao invés de outras historiografias, como a italiana ou a francesa, não se dedicou até hoje em Portugal a atenção e o protagonismo àqueles ‘anónimos’ que as novas correntes de meados do século pareciam anunciar. Na tradição marxista, ainda que, a espaços, essa massa anónima tomasse forma, aquilo que no



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

próprio campo da biografia se contrapôs ao modelo dominante foi, acima de tudo, uma revisão de versões anteriores à luz de uma concepção de história concentrada nos grandes processos e menos uma subversão de fundo dos critérios que determinavam o protagonismo das grandes figuras. Esse exercício foi, no entanto, esboçado pela mesma altura, conquanto, do ponto de vista de uma reflexão sobre a hierarquização dos agentes históricos, limitado no seu alcance. Identificamo-lo, sobretudo, entre alguns daqueles que mais foram tocados e adoptaram os novos temas e metodologias desenvolvidos no âmbito da Nova História. Aí encontramos os exemplos mais próximos da biografia de tipo “modal” (G. Levi), em que personagens ditas “médias” servem de via de acesso à reconstituição de processos, períodos ou categorias sociais, mas sobretudo – porque raramente aos protagonistas a historiografia retirou excepcionalidade ou poder de intervenção na marcha histórica – as concretizações mais acabadas da capacidade generalizadora do retrato de vida. O exercício não era novo: a alguns períodos e fenómenos da história portuguesa, e não apenas na tradição metódica, se havia frequentemente acedido através de ‘pequenos’ e grandes nomes, como Mário Brandão nos trabalhos sobre o Tribunal da Inquisição ou o Visconde de Lagoa no projecto de reconstituição, por colecção exaustiva de vidas entre “grandes e humildes”, da história da expansão nacional para Oriente. Não eram, nem seriam, ainda os marginalizados de facto da história, nem sequer, em rigor, as personagens “médias” que se diluíam no contexto, mas aqueles, *representativos*, que a historiografia apenas secundarizara em favor dos seus maiores: assim com os parlamentares esquecidos de Oliveira Marques, o Tristão da Cunha que Banha de Andrade via como forma de reconstituição da política e administração do século XVI, ou os mercadores e banqueiros que, em Virgínia Rau, conviviam com o perfil mais convencional de D^a Catarina de Bragança. (Giovanni Levi, “Les usages de la biographie”, 1989, p.1329; B. Andrade, *História de um fidalgo quinhentista português*, 1974, p.14)

Neste modelo – ou nas variações que sobre ele se foram compondo – entroncou uma parte significativa e relevante da produção biográfica do terceiro quartel do século. Mas modos diversos de biografar, mesmo no restrito ambiente académico, continuaram, e continuam, a coexistir. Por norma mais prática que reflexão, o retrato de vida nunca se situou em território definido, ou sequer foi presa consistente de um modo particular de fazer história. Terá sido género predilecto, sim, entre aqueles adeptos de uma visão mais tradicionalista do passado, onde também figuravam os colaboradores da refundada APH e os herdeiros do longínquo *historiador-clérigo*. Mas dos seus mais ilustres representantes, como Queirós Veloso, Banha de Andrade, Armando Cortesão, Teixeira da Mota, Virgínia Rau, Avelino de Jesus da Costa, Veríssimo Serrão ou Oliveira Marques, foi sintomaticamente díspar o lugar em que se situaram, fosse em termos teóricos, institucionais ou ideológicos. Une-os, à distância, o inegável interesse que votaram ao registo de percursos singulares, traduzido num volume considerável de textos biográficos. E, no entanto, deve dizer-se, não fez escola a escrita biográfica no meio académico português. Ela dependeu sempre mais de interesses pessoais de investigação que de qualquer princípio teórico, ou outro, que determinasse a sua inclusão num



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

corpo historiográfico coeso. Talvez isso, sobretudo, lhe tenha valido o epíteto de “marginalizada”, quando não “esquecida”, que a mais recente historiografia lhe tem vindo a dedicar. Mas o protagonismo que hoje se lhe granjeia, ancorado numa produção crescente e acelerada de obras, não tem necessariamente de ser celebrativo. Há muito que a elegia foi declarada parente distante da história. Para que o discurso sobre a biografia histórica o não seja, e esta finalmente se torne tanto prática quanto reflexão, falta ainda traçar-lhe, demorado, o retrato.

Bibliografia activa: AGOSTINHO, José de, *Dr. António José d’Almeida*. Col. Galeria republicana, 1. Lisboa, Biblioteca Democrática, 1906; *Album: publicação photo-biographica*. Dir. Júlio Rocha, A.1, nº1 (19 Abr. 1891) – A.1, nº20 (Dez. 1891). Lisboa, José Garcia de Lima, 1891; ALMEIDA, Virgínia de Castro e, BARROS, Teresa Leitão de, e PINTO, Estêvão, *Grandes portugueses*, 17 fascs., 2 vols.. Lisboa, S.P.N., 1943-1951; AMEAL, João, *Dona Leonor: “Princesa Perfeitíssima”*. Col. Rainhas e princesas de Portugal. Porto, Liv. Tavares Martins, 1943; ANDRADE, A.A. Banha de, *História de um fidalgo quinhentista português: Tristão da Cunha*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1974; AZEVEDO, J. Lúcio de, *O Marquez de Pombal e a sua época*. Lisboa, Clássica Editora, 1909 [2ª ed. com emendas Rio de Janeiro/Lisboa/Porto, Anuário do Brasil/Seara Nova/Renascença Portuguesa, 1922]; BAIÃO, António, *Afonso d’Albuquerque*. Col. Grandes vultos portugueses, 3. Lisboa, Liv. Ferin/Baptista, Torres & Cª., 1913; BARATA, Mª do Rosário Themudo, *Rui Fernandes de Almada: diplomata português do século XVI*. Diss. licenc.. Lisboa, Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos Históricos anexo à Fac. Letras UL, 1971; BARBOSA, Inácio de Vilhena, *Exemplos de virtudes civicas e domesticas: colhidos na historia de Portugal*. Porto, Imprensa Portuguesa, 1872; BEIRÃO, Caetano, *D. Maria I: 1777-1792: subsídios para a revisão da história do seu reinado*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1934; BEM, Tomás Caetano de, *Ilustração histórica à genealogia dos reis de Portugal*. Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789; *idem*, *Vida do V.P.D. Alberto Maria Ambiveri, clérigo regular [...]*. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica, 1782; BRAGA, Teófilo, *Os centenários como synthese affectiva nas sociedades modernas*. Porto, Tipografia A. Silva Teixeira, 1884; *idem*, “Theoria dos grandes homens”, *Plutarcho portuguez: collecção de retratos e biographias dos principaes vultos historicos da civilisação portugueza*, Porto, vol.I (1881), pp.v-ix; BRAZÃO, Eduardo, *D. João V: subsídios para a história do seu reinado*. Colecção Histórica, [8]. Porto, Portucalense Editora, 1945; BROCHADO, Idalino da Costa, *Afonso de Albuquerque*. Lisboa, Portugália, 1943; *idem*, *Infante D. Henrique*. Lisboa, Editorial Império, 1942; CAMPO BELO, Conde de, *O arquivo biográfico nacional*. Comunicação apresentada no Congresso Luso-Espanhol do Porto, 1942. Porto, Imprensa Portuguesa, 1944; CARLYLE, Thomas, *Os heróis*. Apres. e trad. Álvaro Ribeiro, 2ª ed.. Lisboa, Guimarães, 2002 [1ª ed. port. 1956; ed. orig. ingl. *On heroes, hero-worship, & the heroic in history*, 1941]; CASTILHO, António Feliciano de, “Emilia das Neves e Sousa”, *Revista contemporânea de Portugal e Brasil*, vol.2, n.4



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(1860), pp.195-209; CHAGAS, Pinheiro, “*Historia de Julio Cezar, por Napoleão III*”, *Revista contemporânea de Portugal e Brasil*, 5 (1864), pp.649-657; *idem*, *Migalhas de história portuguesa*. Lisboa, Liv. António Maria Pereira, 1893.; *idem*, *Portuguezes illustres*. Lisboa, Imp. de J.G. de Sousa Neves, 1869; CIDADE, Hernâni (Dir.), *Os grandes portugueses*, 2 vols.. Lisboa, Arcádia, [1959]; COELHO, António Borges, *Alexandre Herculano*. Col. Biografia de bolso, 15. Lisboa, Presença, 1965; COELHO, J.M. Latino, *Garrett e Castilho: Estudos biográficos*. Carta-pref. Dr. Xavier da Cunha. Lisboa, Editores Santos & Vieira – Empresa Literária Fluminense, 1917; *idem*, *Luiz de Camões*. Col. Galeria de varões ilustres de Portugal, 1. Lisboa, David Corazzi/Empresa Horas Românticas, 1880; *idem*, *O Marquez de Pombal*. Grande ed. popular adornada de noventa ilustrações. Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1905; *Colecção “Pelo Império”*. Ordenada por Manuel Ferreira. Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945; CONCEIÇÃO, Cláudio da (Fr.), *Gabinete histórico que a Sua Magestade Fidelíssima o Senhor Rei D. João VI [...]*, 17 vols.. Lisboa, Imprensa Régia, 1818-1831; CORDEIRO, Luciano, *Diogo d’Azambuja*. Memória apresentada à 10ª sessão do Congresso Internacional dos Orientalistas. Col. Descobertas e descobridores. Lisboa, Imprensa Nacional, 1892; *idem*, *A Senhora Duqueza*. Col. Serões manuelinos, 1. Lisboa, Liv. Ferin, 1889; CORTESÃO, Jaime, “A história e o historiador”, in *idem*, *Obras completas*, vol.I. Lisboa, Portugália, 1964 [1ª ed. do texto 1959(?)]; DOMINGUES, Mário, *Grandes momentos da história de Portugal*. Lisboa, FNAT, 1958; DÓRIA, Álvaro, *A Rainha D. Maria Francisca de Sabóia: (1646-1683): ensaio biográfico*. Col. Biblioteca histórica: série régia. Porto, Liv. Civilização, 1944; EMERSON, Ralph Waldo, *Os super-homens*, 2 vols.. Trad. Domingos Guimarães. Col. Biblioteca educação intelectual, 22. Porto, Magalhães & Moniz, 1913 [ed. orig. ingl. *Representative men*, 1850]; FIGUEIREDO, António Pereira de, *Elogios dos reis de Portugal, em latim, e em portuguez, illustrados de notas historicas, e críticas*. Lisboa, Na Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1785; FIGUEIREDO, Pedro José de, *Retratos, e elogios dos varões, e donas, que illustraram a nação portugueza em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionaes, como estranhos, tanto antigos, como modernos, offerecidos aos generosos portugueses*, t.1. Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1817; *As Figuras Nacionais de Mário Gonçalves Viana: apreciadas pela crítica portuguesa*. Porto, Editora Educação Nacional, 1938; FRANÇA, José-Augusto, *Vieira da Silva*. Col. Arte contemporânea. Lisboa, Artis, 1958; FRANKLIN, Francisco Nunes, *Chronica do muito alto e muito esclarecido principe Dom Afonso primeiro duque de Bragança*. Memória apresentada à Academia Real das Ciências, [s.d.]. (Mss., Arquivo Histórico da Casa de Bragança); GARRETT, Almeida, *Da educação: cartas dirigidas a uma senhora illustre encarregada da instituição de uma jovem princeza*, 3ª ed.. Col. Obras completas do Visconde de Garrett. Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1899 [1ª ed. Londres, 1829]; *idem*, “Memoria histórica de J. Xavier Mousinho da Silveira”, in *Discursos parlamentares e memorias biographicas do Sr. Visconde de Almeida-Garrett*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1871 [ed. orig. do texto 1849], pp.347-380; GRAÇA, Fernando Lopes, *Música e músicos modernos: aspectos, obras, personalidades*. Porto, Lopes da Silva, 1943; *idem*, *Viana da Mota: subsídios*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

para uma biografia incluindo 22 cartas ao autor. [Lisboa], Sá da Costa, 1949; GRAÇA, J.J. da Silva, “O povo e os grandes homens”, *A Vanguarda*, a.l, 3 (23 Maio 1880), p.2; HERCULANO, Alexandre, “Cartas sobre a historia de Portugal. Carta IV”, in *idem*, *Opusculos*, t.V: *Controversias e estudos historicos*, t.II. Lisboa, Viúva Bertrand, 1886 [texto original 1842], pp.101-123; *idem*, “Elogio historico de Sebastião Xavier Botelho”, in *idem* *Opusculos*, t. IX: *Litteratura*, t.I. Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1907 [1ª ed. do texto 1842], pp.202-228; LAGOA, Visconde de, *Grandes e humildes na epopeia portuguesa do Oriente*. Fasc.1: *Séculos XV, XVI e XVII*. [Lisboa, s.n.], 1942; LEME, Luís da Câmara [atribuído a], *Emília das Neves: documentos para a sua biographia [...]*. Lisboa, Liv. Universal Silva Júnior, 1875; LOBO, Francisco Alexandre, *Discurso historico e critico ácerca do Padre Antonio Vieira e das suas obras*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1823; *Memoria historica e critica acerca de Luiz de Camões e das suas obras*. Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1820; LOPES, Óscar, *Jaime Cortesão*. Col. A obra e o homem. Lisboa, Arcádia, 1962; LOUREIRO, Francisco de Sales, *Miguel de Moura (1538-1599): Secretário de Estado e Governador de Portugal*. Diss. dout. apresentada à Univ. de Lourenço Marques. Lourenço Marques, [s.n.], 1974; MACEDO, Jorge Borges de, *A situação económica no tempo de Pombal: alguns aspectos*. Lisboa, Morais Editores, 1982 [1ª ed. 1951]; MACHADO, Cirilo Volkmar, *Collecção de memórias, relativas às vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiveram em Portugal*. Lisboa, Na Imprensa de Vitorino Rodrigues da Silva, 1823; MARQUES, A. de Oliveira, *Afonso Costa*. Col. A obra e o homem. Lisboa, Arcádia, 1972; MARTINS, J.P. Oliveira, *Os filhos de D. João I*. Lisboa, Guimarães, 1983 [1ª ed. 1891]; *idem*, *Perfis*. Pref. Luís de Magalhães. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1930; *idem*, *A vida de Nun'Álvares*. Lisboa, Guimarães, 1984 [1ª ed. 1893]; MAZZA, José, *Dicionário biográfico de músicos portugueses*. Pref. e notas José Augusto Alegria. Lisboa, Tipografia Editorial Império, 1944-1945. Sep. *O Ocidente*; NUNES, Eduardo Borges, *Dom Frey Gomez: abade de Florença*, vol.I. Diss. dout.. Braga, Ed. autor, 1963; OLIVEIRA, J. Lopes de (Dir.), *As grandes figuras da humanidade: história geral da civilização*. Pt.I, vols. 1-5: *Políticos, guerreiros e descobridores*. Lisboa, Edições Universo, [1944-45]; ORTIGÃO, Ramalho, “A instrucção publica (Carta ao Sr. Ministro do Reino)”, in R. Ortigão e Eça de Queirós, *As farpas: Chronica mensal da politica, das letras e dos costumes*, t.VI (Jul.-Ago.). Lisboa, Tipografia Universal, 1876; PEDROSO, Consiglieri, *José Estêvão e a reacção religiosa*. Col. Propaganda democrática: o que o povo deve saber, vol.4. Lisboa, Tipografia Nacional, 1886; PERES, Damião, *D. João I*. Col. Grandes vultos portugueses, 5. Lisboa, Liv. Ferin, 1917; PIMENTA, Alfredo, *D. João III*. Col. Estudos históricos: Biblioteca de revisão histórica, 1. Porto, Liv. Tavares Martins, 1936; *Plutarcho portuguez: collecção de retratos e biographias dos principaes vultos historicos da civilisação portugueza*. Porto, Júlio Costa/Emílio Biel & Cª., 1881; QUEIRÓS, Francisco Fortunato, *D. Pedro V e a educação: ideário pedagógico de um rei*. Diss. licenc.. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1970; *idem*, *D. Pedro V e o seu pensamento político*, 5 vols.. Porto, Assembleia Distrital do Porto, 1974-1982; RAMOS, Luís de Oliveira, *O Cardeal*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Saraiva. Diss. dout.. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1972; RAPOSO, Hipólito, *Dona Luísa de Gusmão: duquesa e rainha: 1613-1666*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1947; RAU, Virgínia, *Bartolomeo di Jacopo di ser Vanni, mercador-banqueiro florentino "estante" em Lisboa nos meados do século XV*. Lisboa, [s.n.], 1971. Sep. *Do Tempo e da História*, 4, pp.97-117; *idem*, *D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra*. Coimbra, Coimbra Ed., 1941. Sep. *O Instituto*, 98, p.5; RIBEIRO, José Silvestre, "O homem, os homens, os grandes homens", *O Panorama*, vol. XVIII, nº47 (1868), pp.371-372; RIBEIRO, Mário de Sampaio, *Acção da Rainha Dona Leonor na vida portuguesa: 1458-1525*. Lisboa, Editorial Gama, 1947; RODRIGUES, A. Gonçalves, *O protestante lusitano: estudo biográfico e crítico sobre o Cavaleiro de Oliveira*. Diss. dout.. Coimbra, Coimbra Editora, 1950. Sep. *Biblos*; RODRIGUES, António Patrício Pinto, *Retratos dos grandes homens da nação portuguesa*. Colecção de "Epitomes". [Lisboa, Ed. autor, 1804-1825]; SÁ, Vítor de, *Amorim Viana: ensaio bio-bibliográfico*. Pref. Vieira de Almeida. Figueira da Foz, [s.n.], 1960. Diss. licenc.. Sep. *Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*, 3; *idem*, *Antero de Quental*. Col. Cultura e acção. Braga, [s.n.], 1963; *idem*, *A mocidade de Antero*. Pref. Agostinho da Silva. [S.l., s.n.], 1942; SAMPAIO, A.M. Forjaz de, *Os escriptores: a sua vida e a sua obra*. Col. Patrícia. Lisboa, Diário de Notícias, 1924-1931; SANTOS, António Ribeiro dos, "Da vida e escritos de Pedro Nunes", *Memórias da Literatura Portuguesa da Academia das Ciências*, VII (1806), p.250 ss; *idem*, "Memória da vida e escritos de D. Francisco de Mello", *idem*, pp.237-249; SÃO BOAVENTURA, Fortunato de (Fr.), *Noticias biograficas de Lord Visconde Wellington*. Lisboa, Na Impressão Régia, 1811; SARAIVA, António José (1917-1993), *O crepúsculo da Idade Média em Portugal*, pt.III. Lisboa, Gradiva, 1990; *idem*, *Fernão Lopes*. Col. Saber. Lisboa, Europa-América, [195-]; SARMENTO, Olga de Moraes, *A Marqueza de Alorna: (sua influencia na sociedade portuguesa): 1750-1839*. Carta-pref. Teófilo Braga. Col. Mulheres ilustres, 1. Lisboa, Liv. Ferreira, 1907; SELVAGEM, Carlos, *Leonor Teles, o Grão Doutor e o Santo Condestabre*. Col. História de Portugal, 3. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1956; SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A Infanta Dona Maria (1521-1577) e a sua fortuna no Sul da França*. Diss. dout. apresentada à Univ. de Toulouse, 1953. Lisboa, Ed. de Álvaro Pinto (Revista "Ocidente"), 1955; SERRÃO, Joel, *Sampaio Bruno: sua vida e sua obra*. Lisboa, Inquérito, 1957; SILVA, Agostinho, *Biografias*, 3 vols.. Lisboa, Âncora, 2003; SILVA, Inocêncio, *Memórias para a vida íntima de José Agostinho de Macedo*. Org. Teófilo Braga. Lisboa, Academia Real das Ciências, 1898; SILVA, Luís Rebelo da, "Retratos de homens ilustres", *Revista universal lisbonense*, vol.III (19 Out. 1843), pp.104-105; *idem*, *Varões ilustres das tres epocas constitucionais: colecção de esboços e estudos biographicos*. Lisboa, Liv. António Maria Pereira, 1870; VASCONCELOS, A. Teixeira de, *Glorias portuguesas*. Lisboa, Tipografia Portuguesa, 1869; *idem*, *O Sampaio da Revolução de Setembro*. Col. Livros para o povo, 1. Paris, Typographie Guiraudet, 1859; VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*. Porto, Artur José de Sousa, 1902; VELOSO, Rodrigo, *Antonio Rodrigues Sampaio*. Col. Jornalistas portugueses, 1. Lisboa, Ed. autor,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

1910; VIANA, Mário Gonçalves, “Ensaio preambular”, in Plutarco, *Varões ilustres: (Demóstenes e Cícero)*. Col. Mensagem. Porto, Ed. Educação Nacional, 1944, pp.5-66; *idem*, *Nuno Álvares Pereira: arquétipo perene: tentativa de interpretação psicossociológica*. Sep. *Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, 3-4 (1964). Lisboa, [s.n.], 1966.

Bibliografia passiva: ALMEIDA, M. Lopes de, Introdução a Lourenço Mexia Galvão, *Vida do famoso herói Luiz de Loureiro*. Porto, Portucalense, 1946, pp.14-25; BONIFÁCIO, M^a de Fátima, “Biografia e conhecimento histórico”, in *idem*, *Estudos de História Contemporânea de Portugal*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007, pp. 241-53; CALDEIRA, Arlindo Manuel, “O poder e a memória nacional: heróis e vilões na mitologia salazarista”, *Penélope*, 15 (1995), pp.121-39; CARDOSO, Ângela Miranda, “O historiador, o leitor, o rei e as amantes deles: sobre alguns efeitos perversos do fim das teorias”, *Working Paper CRIA* [em linha], Lisboa, 9 (2011). Disponível em cria.org.pt; CATROGA, Fernando, *A historiografia de Oliveira Martins: (entre a arte e as ciências sociais)*. Coimbra, UC, 1999. Sep. *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XXXVIII, pp.397-453; *idem*, “O magistério da história e a exemplaridade do ‘grande homem’: a biografia em Oliveira Martins”, in *O Retrato e a biografia como estratégia de teorização política*. Ed. A. Pérez Jiménez, J. Ribeiro Ferreira e M^a do Céu Fialho. Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004, pp. 243-288; CHAVES, J.A. Castelo Branco, *Memorialistas portugueses*. Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1978; DOSSE, François, *Le pari biographique: écrire une vie*. Paris, La Découverte, 2011 [1^a ed. 2005]; FERREIRA, José Ribeiro, “Débito de Almeida Garrett a Plutarco”, in Joaquim Pinheiro, J. Ribeiro Ferreira e Rita Marnoto, *Caminhos de Plutarco na Europa*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008, pp.21-26; HESPANHA, António Manuel, “A história na cultura portuguesa contemporânea”, in José Vicente Serrão, Magda de Avelar Pinheiro e M^a de Fátima Sá e Melo Ferreira (orgs.), *Desenvolvimento económico e mudança social: Portugal nos últimos dois séculos. Homenagem a Miriam Halpern Pereira*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp.583-99; IRIA, Alberto, “Dos biógrafos portugueses de Garcia de Horta (Nótulas biobibliográficas)”, *Garcia de Orta: Revista da Junta de Investigações do Ultramar*, 11 (4), n^o especial comemorativo do 4^o centenário da publicação dos “Colóquios dos Simples” (1963), pp. 833-856; LEVI, Giovanni, “Les usages de la biographie”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 1989 (6), pp.1325-36 ; LIMA, M. Baptista de, *Gomes de Amorim: vida e obras do ilustre biógrafo de Garrett*. Póvoa de Varzim, Liv. Camões, 1928; MACHADO, J.L. Saavedra, *A biografia em Leite de Vasconcelos*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, 1970. Sep. revista *Ethnos*; MAGALHÃES, Luís de, “Oliveira Martins: o historiador e o político”, in Oliveira Martins, *Perfis*. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1930; MALPIQUE, M. Cruz, *Teixeira de Pascoaes: biógrafo*. Lisboa, [s.n.], 1960. Sep. *O Ocidente*, 8, pp.115-119; MATOS, Sérgio Campos, “História, positivismo e função dos grandes homens no último quartel do séc. XIX”, *Penélope*, 8 (1992), pp.51-71; *idem*, *Historiografia e memória nacional no*

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Portugal do século XIX (1846-1898). Lisboa, Colibri, 1998; MAURÍCIO, Carlos, *A invenção de Oliveira Martins: política, historiografia e identidade nacional no Portugal contemporâneo (1867-1960)*. Lisboa, INCM, 2005; MOTA, Helena Maria Briosa e, "...ou como, através do relato da vida de grandes homens, é possível despertar consciências...", in Agostinho da Silva, *Biografias*, vol.I. Lisboa, Âncora, 2003, pp.7-21; RIBEIRO, Álvaro, "Apresentação", in Thomas Carlyle, *Os heróis*. Lisboa, Guimarães, 2002 [1ª ed. port. 1956], pp.9-14; RODRIGUES, Alfredo Duarte, *O Marquês de Pombal e os seus biógrafos: razão de ser de uma revisão à sua história*. Lisboa, [s.n.], 1947; SÁ, Vítor de, "Releitura de O Arquivo Nacional (1932-1942). Fascismo e contradições em Rocha Martins", *Vértice*, s.II, nº.21 (Dez. 1989), pp.107-111; SAMYN, Henrique Marques, «Retratos de donas "que ilustraram a nação portuguesa": modelos de feminilidade nas primeiras décadas de Oitocentos», *Miscelânea*, Assis, 14 (jul.-dez. 2013), pp.301-315; SARDICA, José Miguel, "The content and form of 'conventional' historical biography", *Rethinking History*, 17, 3 (2013), pp.383-400; TORRAL, Luís Reis, "Antes de Herculano...", in L.R. Torgal, J.M. Amado Mendes e F. Catroga, *História da História em Portugal (Séculos XIX-XX)*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp.19-37; *idem*, "Livros de História e de Histórias no Estado Novo", *Biblos*, LXVIII (1992), 385-404; TORRAL, Luís Reis, MENDES, J.M. Amado, e CATROGA, Fernando, *História da História em Portugal (Séculos XIX-XX)*. Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

Ângela Miranda Cardoso



APOIOS:

